

Comunismo e caudilhismo

RAUL PILLA

PAZ Estensoro não estava ainda eleito presidente da Bolívia: fôra o candidato mais votado, mas, não havendo alcançado a maioria absoluta, do Congresso dependia ser, ou não, confirmada a sua eleição. Entretanto, por tal manifestação não esperou o Exército, que, na Bolívia, como na generalidade dos países latino-americanos, representa um super-poder, maior que os poderes constitucionais e mais soberano que a nação: instituiu a ditadura militar, de acôrdo, aliás, com o presidente, cujo mandato expirava, a fim de evitar que, com Paz Estensoro, o comunismo dominasse o país.

Que o comunismo seja atualmente um grande perigo para a democracia e a civilização, não há quem possa duvidar; mas não menos certo é que, irrequentemente se utiliza êle para justificar clamorosos atentados contra a mesma civilização e democracia, cuja salvação se invoca. Tal me parece o caso da Bolívia. Paz Estensoro será um esquerdista, um homem que acene aos miseráveis com melhores condições de vida, mas dificilmente se crerá comunista o homem que, do exílio, obteve 40% da votação, e a cuja posse se inclinavam autorizados representantes do partido adverso.

O caso da Bolívia não passa, pois, de mais u'a manifestação do caudilhismo militar, que tem infestado a América Latina, graças, principalmente, à impropriedade do sistema político geralmente adotado. O presidencialismo institui o poder pessoal, reconhece-o, constitucionaliza-o e, sendo além disto, incapaz de educar o povo no exercício da democracia, leva facilmente ao caudilhismo. Antigamente, êste desfechava os seus golpes em nome da democracia, ou da República, que era preciso defender; hoje, há um melhor pretexto por mais suscetível de conciliar a tolerância das potências ocidentais: a defesa contra o comunismo, cujo desenvolvimento nada logrará deter na Bolívia, se os votos dados a Paz Estensoro tiverem todos sido de comunistas.